



SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal
12 a 14 de agosto de 2025

TÍTULO: VOZES DE JUSSARINHA: O CONTO COMO FERRAMENTA DE MEMÓRIA, CRIATIVIDADE E RESISTÊNCIA

Vanessa dos Santos MOREIRA¹, Rosana Cipriano da SILVA², Alexandre dos Santos SILVA³, Wilma Maria da Silva HORTÊNCIO⁴, Maria Edvania Alves da SILVA⁵, Maria Aparecida de Moura SILVA⁶, Aluno(a)s do Curso de Pedagogia Quilombola, na Universidade do Estado de Alagoas; Professor Sidney Pires Fonseca da Rocha⁷, Professor do Curso de Pedagogia Quilombola, da Uneal, Professora orientadora Gleide Suelly Macedo dos Santos⁸, departamento do Curso de Pedagogia Quilombola na Universidade do Estado de Alagoas – Campus V - Uneal, e-mail: gleidemacedos@gmail.com

E-mail do autor correspondente: vvanessaam.moreiraa0221@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta a experiência formativa vivenciada pelas(os) estudantes quilombolas da comunidade de Jussarinha (Santana do Mundaú/AL), no contexto da oficina de contos realizada como parte do projeto de extensão *Tecendo Memórias e Saberes*, vinculado ao Curso de Pedagogia em Educação Escolar Quilombola da UNEAL. A proposta teve como principal objetivo promover a valorização da cultura quilombola por meio da produção de contos autorais, despertando a criatividade, o exercício da oralidade e o gosto pela escrita, a partir das histórias narradas por anciões e lideranças locais durante as visitas de campo. Inspirados na perspectiva de Scalia (2023), que concebe o conto como uma forma breve e densa de narrativa, com forte carga simbólica e cultural, os(as) estudantes transformaram relatos orais em narrativas autorais, tecendo novas formas de representar o território, os afetos, os saberes e as resistências da comunidade. A oficina reafirmou a escrita como prática de escuta e reconexão com a ancestralidade. A metodologia adotada foi a do aprender fazendo, fundamentada nas ideias de John Dewey (1938), que valoriza a aprendizagem ativa por meio da experiência direta. A escrita foi entendida como ação vivida, ancorada na escuta e na reflexão sobre o cotidiano quilombola. Essa abordagem foi também articulada à discussão de Carril (2017), que reconhece o território como contexto formativo e texto pedagógico fundamental para a educação quilombola. Como resultado, emergiram contos fortes, emocionantes e politicamente significativos, reafirmando o território como espaço de criação, memória e resistência. A experiência reforçou o papel da pedagogia quilombola na formação crítica, cultural e emancipatória das juventudes negras.



SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal
12 a 14 de agosto de 2025

Palavras-chave: Conto autoral. Oralidade. Aprendizagem ativa. Território quilombola. Resistência cultural.